

AURORA DIGITAL
nossas vidas além do *Black Mirror*

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Lorangeira – UFES
André Lemos – UFBA
André Parente – UFRJ
Carla Rodrigues – PUC-Rio
Cíntia Sanmartin Fernandes – UERJ
Ciro Marcondes Filho – USP
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Erick Felinto – UERJ
Francisco Rüdiger – PUCRS
Giovana Scareli – UFSJ
Jaqueline Moll – UFRGS
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Marcelo Rubin de Lima – UFRGS
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Maura Penna – UFPB
Micael Herschmann – UFRJ
Michel Maffesoli – Paris V
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Pierre le Quéau – Grenoble
Renato Janine Ribeiro – USP
Rose de Melo Rocha – ESPM
Simone Mainieri Paulon – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

AURORA DIGITAL
nossas vidas além do *Black Mirror*

Claudia Attimonelli
Vincenzo Susca

Tradução:
Simone Ceré



Editora Sulina

Copyright © Claudia Attimonelli, Vincenzo Susca, 2021
© Un oscuro riflettere. Black Mirror e l'aurora digitale, 2020
© Black Mirror et l'aurore numérique. Nos vies après l'humanisme, 2020

Capa: Like Conteúdo (Sobre imagem de Pamela Diamante)
Editoração: Niura Fernanda Souza
Tradução do francês: Simone Ceré
Revisão: Vânia Möller
Editor: Luis Antônio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

A885a Attimonelli, Claudia
Aurora digital: nossas vidas além do Black Mirror / Claudia
Attimonelli e Vincenzo Susca, traduzido por Simone Ceré. – Porto
Alegre: Sulina, 2021.
176 p.; 16x23cm.

Título Original: Black Mirror et l'aurore numérique. Nos vies après
l'humanisme.

ISBN: 978-65-5759-043-0

1. Sociologia. 2. Comunicação Social. 2. Cultura Digital. 3. Mídia
- Imaginário. 4. Séries – Cultura Digital. I. Susca, Vincenzo. II. Título.

CDU: 316.77

CDD: 301.16

302.23

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana
Cep: 90620-100 – Porto Alegre/RS
Fone: (0xx51) 3110.9801
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Setembro/2021
IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Este livro foi concebido e escrito a quatro mãos. Contudo, por razões puramente acadêmicas, salientamos que os capítulos 2 e 3 são de responsabilidade de Claudia Attimonelli, e os capítulos 1 e 4 de Vincenzo Susca.

Eu vi tantas coisas em que vocês, humanos, não acreditariam.
Grandes naves em chamas surgindo de Orion.
Vi raios fabulosos, raios C brilharem
na escuridão da Porta de Tannhäuser.
E todos esses momentos se perderão no esquecimento,
como lágrimas na chuva... Hora de morrer.

Rutger Hauer / Roy Batty, *Blade Runner*

Há tantas auroras que ainda não brilharam.

Rig Veda, in F. W. Nietzsche, *Aurora*

A Cíntia e Micael, amigos e cúmplices
para além dos confins do espaço
e das distopias.

Sumário

I. <i>Nosedive</i> (Queda livre):	
o cotidiano como distopia e catástrofe.....	11
Mais real do que a realidade.....	13
Traumatismos: <i>The Entire History of You</i>	16
Terrorismo psicológico e euforia nihilista.....	22
Dançar sobre as ruínas, ou <i>Hang the DJ</i>	27
Orgia permanente e liberdade vigiada.....	29
Redes sem fio.....	34
A clareira.....	39
Extensão do domínio da alienação.....	46
<i>A camera oscura</i>	50
II. O dispêndio do grotesco.....	55
Para uma teoria do superficial.....	57
Devorados vivos, do <i>The Big Swallow</i> ao <i>Vore</i>	60
Os corpos que atravessam a tela negra e o que eles encontram do outro lado: o <i>Blackdrome</i>	68
O retorno de Rachel: o corpo-memória ou a possível traição.....	74
Encontro em <i>San Junipero</i> : o corpo gravado.....	80
A diáspora do corpo: modo de des/usar.....	88
III. A aurora no bosque das coisas sem nome.....	97
O espelho análogo.....	99
<i>Bandersnatch</i> e a <i>game culture</i> : fetiches transmidiais.....	102
Um futuro anterior ultrapassado.....	107
O <i>Black Mirror</i> : um jogo sombrio, inexequível.....	113
Desrealizar o real: os <i>easter eggs</i> além da física quântica.....	119
As interferências enquanto antecipações: o tempo de <i>Interstellar</i>	123

IV. <i>Shut Up and Dance (Cale-se e dance):</i>	
o sacrifício e a nova carne.....	127
O museu, a morte e o crime perfeito.....	129
Centelhas e desvios dos tempos modernos.....	135
O império invisível.....	141
Digressão cinematográfica.....	145
<i>Bando à parte</i> (1964).....	145
<i>Batman</i> (1989).....	146
<i>O show de Truman</i> (1999).....	146
<i>V de Vingança</i> (2005).....	147
<i>Matrix</i> (1999-2003).....	148
Eles estão e vivem em nós: o homem está obsoleto.....	150
Abertura: Destruir <i>Black Mirror</i>	153
<i>Postscriptum</i>	159
Referências.....	161

I.
Nosedive (Queda livre):
o cotidiano como distopia e catástrofe

Alegoria da visão exata, o espelho é igualmente o pensamento profundo e o trabalho do espírito que examina os dados do problema. “Reflectere” não significa “recuar”, “refletir” e “refletir-meditar”?

Jurgis Baltrušaitis, *O espelho: ensaio sobre uma lenda científica – revelações, ficção científica e falácias*

Mais real do que a realidade

As mídias sempre foram sistemas complexos e controversos. Das cavernas de Lascaux às redes digitais, das tábuas de argila sumerianas à internet, constituem ao mesmo tempo a paisagem e a linguagem do ser humano: o território simbólico que habitamos e a palavra por meio da qual nos exprimimos. Segundo testemunhos vindos de vários campos disciplinares, em que se distinguem os nomes de Martin Heidegger, Edgar Morin e Marshall McLuhan,¹ não se trata de instrumentos neutros, mas de dispositivos que, enquanto são desenvolvidos, difundidos e consumidos por nós, a seu turno, nos modelam. A história nos ensina que nos tornamos, de fato, as criaturas dos sistemas técnicos e comunicacionais que engendramos:² a relação que mantemos com eles não responde a um princípio monocausal e unidirecional, mas, ao contrário, a uma dinâmica fundada em uma reversibilidade constante, um vaivém ou, para retomar uma expressão cara a Gilbert Durand, um trajeto antropológico.³

O surgimento da cultura digital, a proliferação do sistema de objetos, a difusão massiva das redes sociais, dos dispositivos móveis, das telas e de todos os *mediascapes* adicionam outros tantos elementos novos e reflexos ao quadro que esboçamos. Em particular, a midiatização do mundo e a mundialização das mídias, com seu lote de acidentes, confusões e convulsões, impõem com urgência definir as modalidades atuais da interação entre comunicação e vida cotidiana, objetos e sujeitos, técnica e cultura, mas também apreender eventuais disfunções e a aparição de formas diferentes daquela que nós conhecíamos e daquela que esperávamos.

¹ M. Heidegger, *Acheminement vers la parole*, Paris, Gallimard, 1976; M. H. McLuhan, *Pour comprendre les médias*, Québec, Bibliothèque Québécoise, 1993; Id. *La Galaxie Gutenberg: la genèse de l'homme typographique*, Paris, Gallimard, 1977; E. Morin, *L'esprit du temps*, Paris, Éditions Grasset, 1962.

² Cf. D. de Kerckhove, *La peau de la culture*, Montréal, Éditions Liber, 2020; H. A. Innis, *Empire and Communications*, Toronto, Dundurn, 2007; A. Mattelart, *La Communication-monde*, Paris, La Découverte, 1999.

³ G. Durand, *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*, Paris, Dunod, 1992.

As mídias cumpriram as promessas de suas premissas ou, ao contrário, traíram sua missão? Seu espelho se quebrou?

Se há um texto de antropologia cultural, de midialogia e de sociologia do imaginário que convém examinar para responder a essas questões fundamentais, é exatamente *Black Mirror*.⁴ A série televisiva britânica, escrita por Charlie Brooker para a Endemol, nos entranha nos abismos mais sombrios e mais mórbidos desta problemática. Seu propósito, aliás, se apresenta desde o logotipo, um espelho negro partido, fio condutor de seu percurso diegético e potente metáfora de nossa condição tecnocultural. Lúgubres premonições, tão lúcidas quanto visionárias, representam a sociedade do futuro e retranscrevem de maneira paroxística o que já vivemos sobre ou sob nossa pele:⁵ a distopia no centro de nosso cotidiano. A série recorre a esse tipo de ficção científica realista, mais real do que a realidade, de que são feitas as obras-primas. Uma ficção científica catastrófica, segundo a regra de ouro do gênero.

Qual é então essa catástrofe que nos concerne, em que somos todos objetos e sujeitos, vítimas e carrascos? E que margens de existência subsistem entre os montes de ruínas espetaculares que nos cercam? Chegamos mesmo, para parafrasear Francis Fukuyama,⁶ ao fim da história?

Depois dos horrores e traumatismos da Segunda Guerra Mundial, acreditou-se que a humanidade poderia se recuperar e renascer das cinzas. Ora, o contorno que ela assumiu nessas circunstâncias e as feridas escavadas pelas bombas, pelos campos de concentração e todos os genocídios perpetrados pelas nações beligerantes se definem, ao contrário, por seu caráter irremediável. É o que sugere cada episódio de *Black*

⁴ Esta é a hipótese que compartilhamos com diversos pesquisadores no campo das ciências humanas e sociais, entre eles nossos colegas Mario Tirino e Antonio Tramontana, que organizaram o volume *I riflessi di Black Mirror. Glossario su immaginari, culture e media della società digitale*, Roma, Rogas Edizioni, 2018, para o qual redigimos os artigos “Corpo” (C. Attimonelli) e “Esperienza” (V. Susca). Quanto à análise crítica das questões evocadas, remetemos ao livro de A. Cirucci, B. Vacker (dir.) *Black Mirror and critical media theory*, Lanham, Lexington Books, 2018.

⁵ Cf. A. Lemos, *Isso (não) é muito Black Mirror: passado, presente e futuro das tecnologias de comunicação e informação*, Salvador, Edufba, 2018; F. Chiussi, *Dittature dell'istante. Black Mirror e la nostra società iperconnessa*, Torino, Codice Edizioni, 2014.

⁶ F. Fukuyama, *La Fin de l'histoire et le Dernier Homme*, Paris, Flammarion, 1992.

Mirror, que investiga a sua atualidade depois do conflito. E mesmo, como uma espiral, os efeitos deste último só podem continuar a se contorcer e reavivar, com modulações inexploradas, a dor que carregam. Toda felicidade está ausente deste mundo, se excluimos as raras fulgurâncias de prazer ilusório. O que resta então de nossa humanidade? De nossa experiência? O futuro nos reserva ainda um raio de esperança?